

Já na segunda metade do século XX, particular atenção é endereçada à edição francesa de 1960. Organizada por André Chastel e Robert Klein, estabelece uma nova organização dos escritos de Leonardo sobre pintura. Esta proposta de reordenação temática faz-se acompanhar por comentários que visam a explicitar a problemática leonardiana - cujo pólo é a pintura - e vinculá-la a artistas modernos (Marcel Duchamp, Max Ernest, Serrault) a partir do tema da fenomenologia da luz. Precedem à tradução três biografias sobre Leonardo, respectivamente de Paolo Giovio, Anonimo Gaddiano e Giorgio Vasari. Exemplares da mesma encontram-se nas bibliotecas da USP (FAU) e da UNICAMP (IFCH). Ainda no acervo da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) há uma edição italiana da *Bibliothèque*, sem data, conduzida a partir do *Codice Urbinas Latinus 1270*, e uma tradução do *Tratado* para o espanhol, Madrid, Akal (1986). Quanto à esta versão espanhola - uma reedição do *Tratado de Pintura* editado em 1982, aos cuidados de Angel González Garcia, Madrid, Aguillar (um exemplar da mesma encontra-se na Biblioteca Municipal de São Paulo) - não segue a organização do *Codice Urbinas Latinus 1270*. Retomando a edição espanhola de 1784, singulariza-se até mesmo a divisão interna de seus capítulos. Há, contudo, notas explicativas ao longo do texto. À introdução poder-se-ia endereçar um maior interesse, onde o organizador e tradutor - Don Antonio Réjon de Silva - aborda o período de formação de Leonardo e refere-se às inúmeras edições do *Tratado da Pintura*.

Para complementar este belo quadro poderiam integrar ao acervo brasileiro edições capitais como de H. Ludwig (1882) e A.P. McMahon (1956). McMahon organiza a edição do *Treatise on Painting*, Princeton, 1956, tematicamente; a tradução do texto é precedida por uma introdução de Ludwig H. Heydenreich na qual se expressa a necessidade de uma edição completa e definitiva do *Tratado*. Acompanhada por uma bibliografia anotada das edições impressas até 1956, a publicação de McMahon tem a vantagem ulterior de trazer, em facsímile, o texto do *Codex Urbinas Latinus 1270*, inexistente em bibliotecas brasileiras.

Finalmente, uma aquisição ímpar seria a recentíssima edição de Carlo Pedretti e Pierluigi De Vecchi (1995). Publicação monumental, propiciaria ao pesquisador brasileiro uma maior desenvoltura não somente no estudo do teor do texto vinciano mas no mapeamento das vicissitudes dos escritos de Leonardo e de suas idéias sobre arte. De extrema riqueza e acuidade crítica, a edição de 1995 traz aos nossos dias esta referência básica à história da arte e da cultura, tanto em nível nacional quanto internacional, para estudiosos e leigos: o *Tratado da Pintura*.

# Alessandro Conti:

## *Pontormo*

Eduardo Henrique Kickhöfel  
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Diferentes de um país como este que vivemos, onde a carência de boas edições e livrarias especializadas em literatura artística é crônica, os países europeus enfrentam um problema oposto, pois vivem junto a uma imensa profusão de livros e coleções que são colocadas no mercado regularmente em uma quantidade assombrosa. É claro que ninguém que tenha um

mínimo de inteligência espera que conseguirá ler, ou ao menos, devido a algum impulso possessivo qualquer, comprar todos os livros sobre tal artista ou período. O problema então resume-se em escolher os livros certos. Existem edições e edições, das mais simples as mais luxuosas, mais, menos ou nada eruditas; em meio a isso, muito comuns são os chamados livros de divulgação, que sem pretensões ou profundidades acadêmicas de um modo geral são destinados a um público leigo ou não especializado. Em sua maior parte, como mostra a experiência, são de qualidade duvidosa, apresentando textos desnecessariamente simplificados que chegam mesmo a colocar em cheque as capacidades intelectuais dos leitores, e que não raro trazem consigo informações obsoletas ou mesmo erradas. Claro que os grandes artistas que mais apelam ao público leigo sofrem mais com este tipo de publicação, mas é preciso dizer que as obras mais especializadas, geralmente destinadas aos pesquisadores, não são necessariamente melhores ou piores do que as edições populares, são apenas diferentes, e estas últimas podem perfeitamente cumprir o papel que lhes é destinado. Dentro deste contexto o primeiro volume da nova coleção "La Via Lattea" faz parte de uma coleção que ambiciona, segundo sua nota introdutória, ser algo mais que uma mera coleção de divulgação. Realizada com o intuito de fornecer estudos acessíveis aos interessados em História da Arte, mas com textos atualizados e escritos por eminentes estudiosos, a coleção tem seu primeiro volume dedicado a *Iacopo da Pontormo, pittore fiorentino*, personagem principal da pintura florentina a partir da década de 1530.

É provável que os historiadores da arte jamais conseguirão ser gratos o suficiente ao ilustre escritor de Arezzo, e inevitavelmente, sempre retornam à sua obra. No caso deste pequeno livro, pode-se dizer que é escrito como um constante diálogo com Giorgio Vasari, de cujo famoso texto são colhidas as precisas informações que o sustentam. O texto com a vida de Pontormo aparece na segunda edição das *Vite...* (1568) e Alessandro Conti admite que esta é a fonte mais preciosa para qualquer tentativa de reconstituição da carreira de Pontormo, mais importante mesmo do que poucos mas significativos textos escritos por sua própria mão. Mas as interpretações fornecidas por Vasari são vistas com um olhar extremamente crítico, e o presente autor elabora um retrato de Pontormo quase oposto ao de Vasari. Na parte introdutória de seu texto, Alessandro Conti critica Vasari por não ter compreendido não apenas a arte de Pontormo, devido ao fato de que na época da segunda edição das *Vite* estava vivendo em um ambiente cultural totalmente diverso, mas também a personalidade desse artista. Segundo Conti, essa imagem do pintor solitário, melancólico ou mesmo lunático que Vasari delineou não parece estar de acordo com o que está colocado em seus diversos auto-retratos, ou então no famoso desenho de Bronzino no Gabinete de Desenhos e Gravuras dos Uffizi (que alguns preferem considerar um trabalho do próprio Pontormo, e assim sendo, um auto-retrato). Também é sabido, através de documentos ou das próprias obras que a nós chegaram (ou os inúmeros desenhos preparatórios para obras destruídas) que Pontormo foi o pintor cidadão por excelência a partir da década de trinta em Florença, e muitas dessas comissões partiram da casa dos Medicis. A carreira de Pontormo delineada no resto do livro evidencia esta visão de Conti como o pintor cidadão bem sucedido. Mas penso que é desnecessário se opor dessa forma à imagem fornecida por Giorgio Vasari, pois as duas personalidades, o homem evidentemente saturnino ou o renomado artista, são possíveis de conviverem em uma mesma pessoa. Naturalmente, Pontormo foi uma personalidade um tanto quanto excêntrica, e muitos ainda hoje não hesitariam em classificá-lo como louco, mas artistas de um modo geral são pessoas onde algumas destas idiossincrasias não apenas são permitidas, mas aceitas como sendo parte necessária de seu gênio criador. Em um período como o Maneirismo, onde outros casos semelhantes - se não mais esquisitos - são conhecidos, o caso em questão não deveria ter chamado tanta atenção. O problema de Vasari, segundo Conti, foi ter aproximado em demasia seus julgamentos negativos quanto à arte de Pontormo (embora o tenha elogiado em diversas ocasiões) aos de sua personalidade; Conti parece fazer o exatamente o inverso, especialmente

na crítica à Vasari na introdução do livro. Salvatore Nigro, em uma recente publicação sobre os desenhos de Pontormo, elaborou um ensaio fascinante sobre esse tópico onde mostra que nada impediu que Pontormo possa ter tido alguns comportamentos que não são considerados “normais” (e. g. o fato que Pontormo morava em uma casa no segundo andar de um prédio onde a escada era retirada por meio de uma manivela quando seu habitante nela entrava) e ao mesmo tempo ter mantido um certo contato com o mundo, seja convivendo com seus contemporâneos ou exercendo sua atividade como pintor e desenhista.

Este livro é um bom ensaio sobre a carreira deste pintor, mas talvez uma deficiência que pode ser apontada nesta pequena obra é que os textos do próprio Pontormo não são utilizados. Tendo em vista a atitude crítica frente à Vasari, seus próprios escritos poderiam ter fornecido elementos mais precisos sobre a personalidade de Pontormo. A famosa carta a Benedetto Varchi onde este questionou artistas sobre a primazia do desenho ou da pintura (um tópico que foi um assunto preferido pelos os tratadistas italianos entre os séculos XV e XVIII) quase nunca é utilizada no texto, e apenas na introdução é resumida em brevíssimas palavras. Este importante documento é uma fonte que revela muito do ambiente cultural florentino antes da publicação da primeira edição de Vasari. É provável que se estas suas opiniões sobre a natureza do desenho (como a capacidade de imaginar e projetar obras, e não propriamente a atividade gráfica) fossem colocadas junto ao corpo principal do texto, este ficaria mais rico e profundo. A utilização de seu famoso diário (*Il libro mio*) poderia também elucidar um pouco sobre a opinião de Conti sobre a relação de Pontormo e seus contemporâneos; os relatos que ele escreveu entrnos dois últimos anos de sua vida, quando trabalhava junto aos afrescos de San Lorenzo a serviço dos Medicis, mostram as pessoas que freqüentava ou que o freqüentavam, Giambattista Gelli, Agnolo Bronzino e Benedetto Varchi, entre outros. Sim, Pontormo foi um personagem estranho, que não suportava qualquer menção sobre a morte, seguindo Vasari, mas foi também um homem que soube fazer parte e conviver com a camada culta de Florença.

Penso que o principal mérito desta coleção pode ser colocar de uma forma simples um texto atualizado, que acompanha o debate contemporâneo sobre alguns determinados artistas. Seguindo a proposta da coleção, nota-se que este pequeno livro foi escrito por um pesquisador que teve (o autor faleceu em 1994) um contato muito próximo com sua obra, e apresenta a seus leitores interpretações pessoais novas ou atualizadas. Este tipo de texto, pequeno e conciso, mas correto e bem apresentado, possui o mérito de transmitir aos seus leitores informações que podem levar a um conhecimento razoável de um dado artista, assim como estimular novas pesquisas. Embora as referências a outras publicações poderiam ter sido colocadas de uma forma mais precisa junto ao texto, é preciso dizer que há uma excelente lista de publicações para futuras pesquisas, e estas são muito úteis dentro de uma obra que se pretende como introdutória.